

FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: A EDUCAÇÃO SEXUAL EM PAUTA

TEACHER TRAINING FIELD OF EDUCATION: THE SEX EDUCATION AGENDA

PARREIRAS, Márcia Maria Martins

Doutoranda do Programa de Pós-graduação *Conhecimento e Inclusão Social* da Faculdade de Educação da UFMG
email: marciaparreiras@yahoo.com.br

COUTINHO, Francisco Angelo

Professor da Faculdade de Educação/UFMG
email: fac01@terra.com.br

Resumo

Entendendo que a sexualidade se desenvolve mediante fatores biológicos, sociológicos e psico-emocionais; e, ao mesmo tempo, assumindo a existência de diferentes vertentes para a chamada Educação Sexual, o presente ensaio buscou identificar as concepções prevalecentes sobre essa temática junto a licenciandos em Educação do Campo de uma Universidade Federal. Ainda, procurou-se verificar as principais instituições/grupos, reconhecidas por estes estudantes, como referência em seus processos de formação na área. Os resultados obtidos apontam para a prevalência de uma vertente médico-biologista junto a esses discentes, a existência de tensões importantes entre família/escola na abordagem do tema, além da prevalência de uma Educação Sexual fundamentada, em sua maior parte, no aprendizado informal. Em linhas gerais, considera-se que tais constatações parecem apontar para a necessidade de se ampliar as discussões sobre a temática junto às licenciaturas em Educação do Campo.

Palavras chave: educação sexual, educação do campo.

Abstract

From the understanding of sexuality as a wide dimension of human beings, which is developed through biological, sociological and psycho-emotional; and at the same time, assuming that there are different aspects to the call sexual education, this paper seeks to identify the prevailing conceptions of this subject with the undergraduates in Education field of a Federal University and also check the main institutions / groups recognized by these students as a reference in their formation processes in the area. The results point to the prevalence of a medical biologist present among these students, the existence of important tensions between family / school in the approach to the subject, and the prevalence of sexual education based, mostly in informal learning. In general, it is considered that these findings seem to point to the need to broaden the discussion on the subject with the degrees in Rural Education.

Key words: sex education, rural education.

Introdução

O termo sexualidade é bastante amplo e envolve fatores diversos. Características tais como os afetos, a socialização, a maneira de se vestir e se produzir, a disposição anatômica das formas do corpo, etc., caracterizam o que chamamos de sexualidade (LIMA et al, 2011).

A sexualidade, assim entendida, é construída a partir de três bases principais: “*o potencial biológico, o processo de socialização e a capacidade psico-emocional do ser humano*” (LOPES, 1993, p. 131). Dessa forma, além dos aspectos biológicos, é por meio das diversas expressões culturais, tais como a religião, a música, a escrita, a comunicação, os filmes, os livros e também mediante os diversos grupos dos quais o sujeito faz parte: a família, a escola, e outros, vivencia-se e aprende-se uma ou outra forma de conceber a sexualidade. (GONÇALVES e MAYORGA, 2003; HASSEN, 2002; RABELO e REIS, 2000).

Todavia, no que se refere aos processos de Educação Sexual nas escolas, diversos estudos diagnosticaram que as poucas iniciativas que têm se desenvolvido, estão orientadas para uma perspectiva biologizante, restringindo a Educação Sexual aos aspectos físicos da sexualidade (GHERPELLI, 1996; VITIELLO, 1998; GARCIA, 2005).

No que se refere às políticas de Educação Sexual, embora ela tenha se tornado obrigatória nas escolas da Suécia em 1955; na Dinamarca em 1970; na França em 1973 e esteja presente em 93% das escolas secundárias públicas dos Estados Unidos (GARCIA, 2005), em território brasileiro, foi somente em fins dos anos 80 e 90 que o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde passaram a estimular projetos na área. Tais processos culminaram com a publicação dos chamados cadernos de Temas Transversais, dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental (BRASIL/SEF, 1998). Estes, até o momento, se constituem na principal referência oficial sobre o assunto (HENRIQUES et al, 2007).

Diante de tal cenário de constantes processos para regulação da inserção do tema nas escolas, foram se desenvolvendo, ao longo do tempo, distintos entendimentos de Educação Sexual. A esse respeito, um estudo que apresenta-se bem sistematizado sobre o tema e que parece ter fôlego até os dias de hoje, associado a outras visões mais recentes, como a de Garcia (2005) descrita à frente, está representado pelo trabalho de Nunes (1996). Neste trabalho, o autor afirma poder ser encontrado, no Brasil, em fins do século XX, pelo menos quatro vertentes dominantes, sendo elas: a médico-biologista, a normativo-institucional, a terapêutico-descompressiva e o modelo consumista/sexista pós-moderno.

A vertente médico-biologista centra-se na reprodução, e, em geral, associa sexualidade a procriação, doenças, descrições e aparelhos genitais, com discursos e práticas repressivas da sexualidade, desconsiderando qualquer componente sócio-histórico-cultural da construção da sexualidade humana. A vertente normativo-institucional, por sua vez, é marcada por uma rigorosa moral repressiva, tendo misturado mecanismos de ordem científica e conceitos religiosos e morais; já a vertente terapêutico-descompressiva é reconhecida por seu empenho em causar uma ação desinibidora das práticas sexuais via, principalmente, instrumentos midiáticos de massa. A quarta vertente refere-se à consumista/sexista pós-moderna, voltada ao entendimento do sexo como mercadoria e desprovido de sua essência afetiva e erotizada, transformando-o num ato mecânico.

Por fim, além das vertentes clássicas acima apresentadas, Garcia (2005) propõe ainda uma quinta: a vertente emancipatória. Esta engloba o entendimento de que se deve contribuir para a busca de uma sexualidade gratificante, isto é, socialmente livre e responsável, subjetivamente enriquecedora e politicamente democrática.

Em linhas gerais, considerando tais possibilidades distintas de entendimentos sobre Educação Sexual, é certo que grupos diferentes de educadores exercem, em suas aulas, práticas e discursos mais voltados para um ou outro entendimento. Nesse sentido, o presente ensaio tem por objetivo contribuir para os diálogos referentes à Educação Sexual, mais especificamente, junto aos processos ligados à Educação do Campo.

Interessa-nos lançar luz sobre como os sujeitos graduandos em Educação do Campo lidam com a temática. Para tanto, pretende-se identificar quais são as concepções de Educação Sexual manifestadas por esses sujeitos, bem como, verificar as principais instituições/grupos, reconhecidas por estes estudantes, como referência em seus processos de formação na temática.

EDUCAÇÃO NO CAMPO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

As políticas para a promoção da chamada educação rural ocorreram desde 1930 e foram paulatinamente se ampliando. Todavia, a partir da década de 1980, surgiram diversas ações, lideradas pelos movimentos sociais, contrárias ao formato que até então era praticado – um modelo com vistas a uma instrução escolar mínima, sem vínculo com as realidades e diferenças culturais dos povos do campo. (GONZAGA, 2009).

Dessa forma, emergiram no cenário novas propostas educativas, as quais culminaram, em 1990, com a difusão do conceito de Educação do Campo, em oposição à educação “rural”, com o objetivo de contribuir para a construção de um sentido atual para o conceito de trabalho camponês, então definido pelas lutas sociais e culturais dos trabalhadores do campo (VENÂNCIO e LIMA, 2009).

Ao longo do tempo, a luta pela educação dos movimentos sociais promoveu a celebração de diversas parcerias, dentre elas, com as universidades, o que veio a culminar a partir de 2009, na institucionalização do curso de Licenciatura em Educação do Campo em mais de vinte instituições, distribuídas pelos distintos estados do Brasil.

No que se refere propriamente às pesquisas sobre formação de professores do campo, Ângelo (2013) destaca que a quantidade de trabalhos desenvolvidos vem aumentando significativamente ao longo do tempo, sugerindo haver uma demanda por mais conhecimentos produzidos sobre a área, uma vez que se constituiu em um processo educativo ainda jovem no contexto brasileiro - embora as reivindicações para a efetivação de uma política específica para a educação do campo sejam de longa data.

Ainda, embora as pesquisas sobre formação de professores do Campo estejam orientadas por diversas temáticas (ANGELO, 2013), não foi identificado nenhum trabalho estritamente voltado à investigação da Educação Sexual junto a esse público. Assim sendo, consideramos que os diálogos sobre a Educação Sexual no ensino superior, mais especificamente, nas Licenciaturas em Educação do Campo, constituem-se em um exercício importante, haja vista a ausência de estudos específicos na temática.

METODOLOGIA

Tendo em vista os objetivos do presente ensaio, realizou-se a análise dos registros produzidos por uma turma de discentes do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza e da Vida, na

modalidade Educação do Campo, de uma Universidade Federal, durante o primeiro semestre do ano de 2015.

O grupo analisado constituiu-se de 32 alunos, sendo 14 homens e 18 mulheres; com idade média de 24 anos e, com relação ao estado civil, 26 pessoas solteiras e 6 casadas. No que se refere ao local de residência, verificou-se representantes de pelo menos 13 municípios diferentes do estado de Minas Gerais. O município com maior representatividade foi o de Rio Pardo de Minas, com 17 estudantes, seguido de Jenipapo de Minas, com 3 e Almenara com 2. As demais cidades, como Ubá, São Domingos do Prata, Jequeí, Palmópolis, Medina, Icaraí, Jordânia, Sem Peixe, Porteirinha e Itaobim, estavam representadas, cada uma, por um estudante.

No que diz respeito às atividades desenvolvidas com a turma, primeiramente foi aplicado um questionário diagnóstico (QD), constituído por três questões abertas. A primeira e a segunda questões desse instrumento tiveram por objetivo, respectivamente, verificar o entendimento/concepção de cada estudante sobre o termo “Educação Sexual”, bem como, identificar as principais demandas dos municípios, em relação ao tema. A terceira questão teve por objetivo identificar as dificuldades e facilidades que os licenciandos consideram haver, quando da abordagem dessa temática, em sala de aula.

Em seguida, considerando as respostas do QD como matéria-prima para o planejamento das atividades posteriores, e assumindo uma orientação de Educação Sexual de viés emancipatório, foram realizadas, em um período de quatro horas/aula: uma dinâmica “quebra-gelo” para introdução ao tema; o preenchimento individual de um segundo questionário intitulado “História da Minha Educação Sexual” (QHMES), seguido de discussão coletiva; a análise, em pequenos grupos, de situações-problema, com vistas a explicitar questões éticas e de valores envolvidos nos posicionamentos relativos à sexualidade; e, finalmente, uma segunda dinâmica mais focada à percepção e reflexão sobre as dimensões do afeto e da auto-estima relacionados à temática em questão.

Para fins do presente ensaio, serão analisados e co-relacionados os dados obtidos nas três questões do QD, já detalhado anteriormente, e os obtidos no QHMES, cujas particularidades serão apresentadas a seguir. Os dados referentes às outras atividades serão tratados em estudo posterior.

Desse modo, o QHMES constituiu-se de duas perguntas abertas e uma fechada, conforme se pode verificar abaixo.

HISTORIA DA MINHA EDUCACAO SEXUAL			
Responda às questões propostas de forma breve, a partir de sua experiência pessoal.			
(1) quando eu me lembro de minha educação sexual:			
a) eu penso...a) eu sinto...			
(2) quando eu me imagino como deve ser a educação sexual dos adolescentes:			
a) eu penso...a) eu sinto...			
(3) quanto à minha educação sexual na adolescência, acho que foi (circule no máximo 2 itens de cada			
Coluna 1		Coluna 2	
Excelente,...	ruim, desastrosa,	não houve,	Família, na escola, na igreja, com amigos,
deficiente,	engraçada,	solitária.	outros: _____
Outros: _____			

Tabela 1: Questionário “História da Minha Educação Sexual”

Em linhas gerais, este questionário teve por objetivo verificar quais foram as instituições/grupos que se configuraram enquanto principais referências no processo de construção da Educação Sexual dos licenciandos em estudo. Além disso, buscaram-se indícios de como estes sujeitos avaliam os processos pelos quais passaram, bem como, sobre seus entendimentos de quais abordagens o tema deve assumir nos dias atuais.

Após a seleção dos referidos instrumentos de investigação, para o procedimento da análise dos dados assumiu-se o método quali-quantitativo, optando-se por apresentar, inicialmente, a interpretação dos dados a partir da junção das respostas dos sujeitos para cada pergunta. Tal opção metodológica permitiu melhor entendimento do perfil do grupo, no que se refere a cada questão. Em seguida, realizaram-se análises priorizando a complementação entre as respostas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O QD foi respondido por 29 estudantes e o QHMEA, por 28. Iniciando a discussão pelo QD, a partir da análise da questão 1 desse instrumento, verificou-se em diversos relatos, um entendimento de sexualidade mais centrada na reprodução, sem qualquer menção às dimensões sociais, psicológicas ou culturais que a constituem. Dessa forma, para tais estudantes a Educação Sexual

“passa por temáticas desde o conhecimento sobre o aparelho reprodutor até o ato sexual onde se dá a reprodução.” (SER)

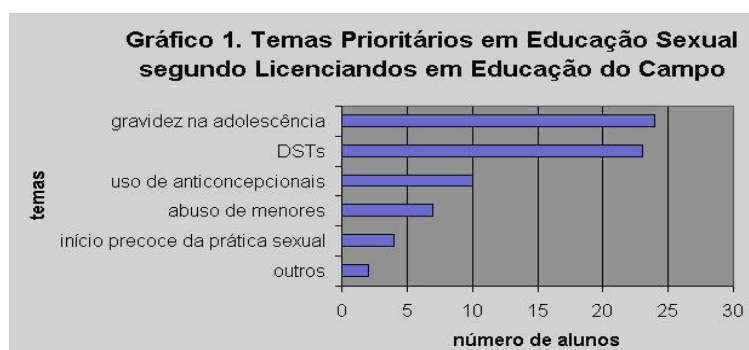
“(…) é uma maneira de tentar ensinar as pessoas a se protegerem durante o sexo”. (APS)

Assim, mediante análise dos registros, constatou-se significativa prevalência, junto ao grupo de licenciandos investigados, do entendimento de educação sexual direcionado à vertente **médico-biologista** (22 estudantes). À essa concepção de Educação Sexual, embora em número menor, seguiu-se a chamada vertente **emancipatória** (7 estudantes), entendida como uma compreensão mais ampla da temática. Dessa forma, para esses estudantes, a Educação Sexual é:

“uma proposta de trabalho que aborda os temas relativos à sexualidade em aspectos tais como: relacionamentos, maturidade, vida sexual ativa, tabus, preconceitos, as influências que esses paradigmas sexuais trazem e transformam a sociedade, também questões de gênero e liberdade sexual...” (ISA)

“a superação de preconceitos, tabus e valores impostos pela sociedade quando se trata de sexualidade” (NIS)

No que se refere propriamente aos resultados da questão 2 do QD, identificou-se como principais demandas dos municípios em relação à temática de Educação Sexual, segundo os estudantes, a necessidade de abordar discussões sobre: gravidez na adolescência; DSTs; uso de anticoncepcionais e contraceptivos; abuso sexual de crianças e adolescentes; início precoce da prática vida sexual; outros. As categorias e suas respectivas incidências apresentam-se no Gráfico 1, a seguir.



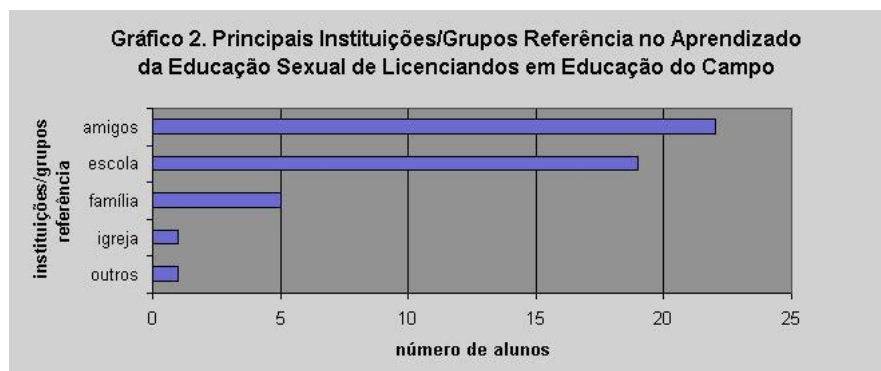
Em linhas gerais, pode-se dizer que a prevalência de um entendimento da Educação Sexual direcionado para a vertente médico-biologista, identificada na análise das respostas da questão 1 do QD, parece ter sido reforçada pelos resultados obtidos na questão 2 desse mesmo questionário. Isso, porque, conforme mostram os dados, os estudantes consideram prioridade a abordagem de questões ligadas à sexualidade associadas meramente à reprodução e à saúde.

Evidenciaram-se algumas preocupações ligadas a componentes culturais, como a relacionada à idade de iniciação sexual; e, também, sociais, como a pedofilia. Todavia, comparativamente, estes não se constituíram enquanto prioridades.

Finalmente, a análise qualitativa dos resultados obtidos na questão 3 do QD, trouxe evidências de que tanto o grupo de estudantes de perfil médico-biológico, quanto o de perfil emancipatório, relataram como dificuldade para a abordagem do tema Educação Sexual nas escolas do campo, a resistência das próprias comunidades/famílias. Esse empecilho é ilustrado no fragmento a seguir.

“dificuldade seria a abertura que muitos pais não oferecem aos professores para tratar o assunto, considerando que a ação seja de incentivo e não de conscientização” (NIS)

Tal dificuldade das comunidades/famílias nos processos referentes à Educação Sexual foi verificada também quando da análise da questão 3 do QHMES. Verificou-se, como mostra o Gráfico 2, que os licenciandos apontaram como principais instituições/grupos referência, em seus próprios processos educativos na temática, primeiramente os amigos; em segundo lugar, a escola; em terceiro, a família; e por último a igreja.



Esse quadro parece apontar para algumas características importantes no que diz respeito à Educação Sexual desenvolvida no campo.

A primeira delas diz respeito ao fato de que, embora as famílias resistam à abordagem do tema nas escolas, as instituições escolares são reconhecidas, pelos licenciandos, como o segundo principal *lôcus* de aprendizado sobre a temática, tendo sido citada por 19 estudantes. Essa constatação parece convergir com o fato de que, embora as famílias resistam à Educação Sexual nas escolas, elas mesmas parecem não se apropriar de tal responsabilidade, já que foram citadas por 5 estudantes apenas.

Tais dados são sustentados pelos registros dos licenciandos nas questões 1 e 2 do QHMES, como pode-se verificar na transcrição a seguir:

“em família não houve muita dinâmica, afinal, gera muito constrangimento, no entanto, a escola, apesar do constrangimento, eram promovidas palestras entre outros fatores que contribuíram para esclarecer dúvidas que ficavam no ar.” (ANA)

“as poucas vezes que tratei desse tema foi na escola de forma muito superficial... penso que deveria ser trabalhado de forma bem esclarecedora e não só na escola, mas também na família”. (21)

Ainda, estes dados sugerem alguma explicação para a prevalência de uma concepção médico-biologista junto a este grupo de licenciandos, uma vez que grande parte deles teve por referência em Educação Sexual, a escola, que, via de regra, trabalha nessa linha.

Uma segunda característica importante que pode ser obtida do Gráfico 2, em relação à Educação Sexual do campo, é que há a prevalência dos processos informais de aprendizado, haja vista que 22 estudantes relataram ter o grupo de amigos como principais referenciais no assunto.

Tal informalidade e dificuldade das famílias discutirem o tema, bem como, os limites das próprias escolas em trabalhar a Educação Sexual sob um viés emancipatório, talvez possa explicar as demandas consideradas prioridade pelos estudantes (Gráfico 1), representadas pela necessidade de prevenção de gravidez na adolescência, diminuição das incidências de DSTs e necessidade de mais entendimento em relação ao uso de anticoncepcionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais consideramos que o estudo ora apresentado trás elementos importantes para se pensar de forma mais contextualizada as abordagens em Educação Sexual, junto aos povos do campo. Apontamos como possíveis obstáculos a serem superados a prevalência de concepções médico-biologistas; as tensões entre família/escola; bem como, a prevalência de uma Educação Sexual fundamentada, em sua maior parte, no aprendizado informal.

Em relação à prevalência de concepções médico-biologistas e das tensões entre família/escola, Gonçalves *et al* (2013) obtiveram resultados semelhantes aos aqui apontados após realizarem um trabalho de revisão bibliográfica sobre a Educação Sexual desenvolvida no contexto familiar e escolar, no meio urbano.

Tais autores, ao analisarem materiais publicados no ano de 2011, detectaram que muitas famílias privam os filhos da educação sexual emancipatória por vários fatores, seja por verem a sexualidade de forma negativa, seja por se sentirem despreparados e tímidos em tratar do assunto, comportamento oriundo da deseducação sexual na qual foram vítimas.

Marola *et al* (2011) por sua vez, destacam que a educação sexual informal ainda é reconhecida como principal fonte de influência junto a adolescentes urbanos; dado convergente ao detectado neste estudo, embora relativo a um grupo de sujeitos camponeses.

Diante do exposto, percebe-se que a Educação Sexual, de fato, é uma questão que precisa estar mais em pauta. Para o caso específico desse trabalho, lançamos luz para essa necessidade junto à Educação do Campo, onde, resguardadas as suas especificidades, parece haver de modo semelhante às escolas urbanas, uma demanda para a aproximação entre pais, filhos e escolas; além do debate sobre os processos de Educação Sexual formal e informal, bem como, para o desenvolvimento de uma perspectiva emancipatória da mesma.

Referências

- ANGELO, Aline Aparecida. O que é ser educador do campo: os sentidos construídos pelos estudantes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da FaE/UFMG[manuscrito] / – 2013.150 f. ; il. Orientadora: Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São João del-Rei. Departamento de Ciências da Educação.
- BRASIL, Ministério de Educação e do Desporto, Parâmetros curriculares nacionais para o ensino básico fundamental, Brasília, MEC/SEF,1998.
- GARCIA, Luciana Juvelina Vaz. O Processo de Educação Sexual na Escola: Um Estudo de Caso sobre a conceituação, significação e representação compreensiva de Professores da Rede Municipal de Ensino de Camboriú-SC sobre Educação Sexual. UDESC - Florianópolis/SC. 2005
- GONÇALVES, B. & MAYORGA, C. Sexualidade e Afetividade: o que é isto? In: CARVALHO, ^a et.al. Adolescência. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2003, pp. 61-83.
- GONÇALVES, R. C; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação Sexual no Contexto Familiar e Escolar: Impasses e Desafios. HOLOS, Ano 29, Vol. 5, 251-263, 2013.
- GHERPELLI, M. H. B. V. *A educação preventiva em sexualidade na adolescência*. In: Série Idéias. São Paulo: FDE, v. 29, p. 61-72, 1996.
- HASSEN, M. N. A. *Grupos Focais de Intervenção no projeto Sexualidade e Reprodução*. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, ano 08, v. 17, p. 159-177, 2002.
- HENRIQUES, Ricardo et al (org.) *Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos*. Brasília, 2007.
- LIMA, Edenilse Batista; SANTANA, João Rogério Menezes de Santana; LIMA, Maria Batista. Anais do V Fórum Identidades e Alteridades e I Congresso Nacional Educação e Diversidade GEPIADDE/UFS/Itabaiana. Set. 2011.
- LOPES, G. *Sexualidade Humana*. 2. ed. São Paulo: Medsi, 1993.
- MAROLA, Caroline Andreia Garrido; SANCHES, Carolina Silva Munhoz; CARDOSO, Lucila Moraes. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. *Psicol. educ.*, São Paulo , n. 33, dez. 2011.
- NUNES, César A. Filosofia, Sexualidade e Educação: as relações entre os pressupostos éticosociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar. Tese. Doutorado em Educação. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1996.
- RABELO, A. O.; Reis, M. A. G. S. *(Re)invenção da Escola Pública: A sexualidade e a Formação Continuada dos Jovens Professores*. In: Semana de Debates Científicos, 2000, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UNI-RIO, 2000.
- VITIELLO, N. *Um breve histórico do estudo da sexualidade humana*. Revista Brasileira de Medicina. São Paulo: Moreira Júnior, v. 55, p. 5-9, 1998